

A DEVOÇÃO MARIANA NO BRASIL

*Pedro Carlos Cipolini**

Resumo

O artigo visa estudar a origem e as características da devoção mariana no Brasil, a partir da constatação de que a religiosidade latino-americana e brasileira está marcada pela presença de Maria em seu seio, estando ela inserida no processo evangelizador, a tal ponto do Papa João Paulo II considerá-la como um dos traços característicos da religiosidade do povo brasileiro.

Palavras-chave: Maria. Devoção Mariana. Religiosidade popular.

Abstract

The article aims to study the origin and characteristics of Marian devotion in Brazil, from the observation that the religiosity in Latin America and Brazil is marked by the presence of Mary, given that she is so deeply inserted in the process of evangelization that John Paul II has considered it as a characteristic of Brazilian people's religiosity.

Keywords: Mary. Devotion. Popular religiosity.

Introdução

A devoção a Maria, a Mãe de Jesus, é uma constante na história do povo brasileiro. Ao longo do processo evangelizador em terras brasileiras, o evangelho foi anunciado apresentando a Virgem Maria como a expressão mais sublime de fidelidade. A devoção a Maria é elemento qualificador da genuína piedade da Igreja no Brasil, e podemos afirmar que a experiência mariana pertence à identidade

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, professor de Mariologia na Puccamp, presbítero da Arquidiocese de Campinas-SP. E-mail: <cipolini@uol.com.br>.

própria de nosso povo. Sem dúvida podemos afirmar que a piedade mariana foi com freqüência, e ainda o é, um vínculo resistente que conservou fiéis à Igreja setores que não contavam com atenção pastoral adequada.

No Brasil, aliás em toda a América Latina, a presença da devoção e do culto a Maria sempre foi uma constante. É inegável que a devoção a Maria é uma característica marcante e persistente do cristianismo latino-americano mais popular e original. “Maria é, para a Igreja, motivo de alegria e fonte de inspiração, por ser a estrela da evangelização e a mãe dos povos da América Latina”, vão afirmar os bispos em Puebla¹, destacando também que “o povo fiel reconhece na Igreja a família que tem por mãe a mãe de Deus. A Igreja confirma o seu instinto evangélico segundo o qual Maria é o modelo perfeito do cristão, a imagem ideal da Igreja”². Cristo foi pregado no Brasil e juntamente com Ele vem a figura de Maria: Ele, Jesus é o centro, Maria, porém, faz parte deste centro porque faz parte do mistério da encarnação.

Assim, podemos afirmar que no Brasil, a exemplo dos outros países da América Latina, a devoção a Maria constitui uma experiência vital e histórica. Desde o início da chegada dos portugueses ao Brasil, se, de um lado, Maria, em um primeiro momento, conferiu ânimo aos conquistadores que trouxeram sua imagem nas caravelas que os transportavam, por outro lado, em um segundo momento, conferiu esperança aos colonizados, dignidade aos escravizados e motivação para todo tipo de desafortunados. Isto é atestado pelos inúmeros títulos com os quais é invocada no Brasil³.

1 Maria no processo da evangelização do Brasil

Embora nosso espaço seja curto, faz-se necessária uma observação antes de prosseguir na consideração da devoção a Maria no Brasil, questão esta que poderia ser abordada de muitos ângulos dada sua riqueza. A observação refere-se ao papel e ao lugar preponderantes que Maria ocupa na mentalidade do povo. “Sabe-se que a cultura brasileira é o resultado da fusão de três elementos principais: a cultura

¹ IV – CELAM, *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*, n. 168.

² *Idem*, n. 284.

³ Cf. MEGALE, N. B. *As 107 invocações da Virgem Maria no Brasil, história, folclore e iconografia*. Petrópolis: Vozes, 1980.

portuguesa, a cultura indígena e a cultura africana. O povo brasileiro não é apenas latino, porém, mais precisamente, índio-afro-latino”⁴. Assim, a formação histórica do povo brasileiro explica um traço especial da cultura brasileira que é a tendência ao sincretismo, ou seja, a capacidade de combinar e misturar privilegiando a diversidade, a variedade e a complementaridade.

Assim sendo, diante de um processo evangelizador baseado no medo, em que a figura de Deus Pai aparece com características de autoridade terrível, Jesus como aquele que sofre na Cruz e o Espírito Santo quase ausente, a figura de Maria vai sobressair-se como a mãe poderosa e a intercessora infalível. Em uma realidade marcada pela violência da dominação, da escravidão e do machismo, para Maria vão convergir todos os aspectos que configuram uma mãe poderosa e celestial, cuidadosa e amorosa a quem se pode recorrer de imediato e com confiança. Ela é socorro de todos em todos os momentos. Pode-se, então, afirmar que “Maria ocupa lugar central na dogmática popular da América latina”⁵. Isto levando-se em conta a observação de Gonzalez-Dorado de que podemos distinguir quatro aspectos da Virgem Maria: a Maria da história, a Maria da fé pascal, a Maria da Igreja Magisterial e teológica e a Maria da piedade da Igreja, ou seja, a Maria da piedade popular⁶.

A respeito desta concentração mariológica da fé do povo se expressam duas teólogas: “Podemos dizer que os pobres, de uma maneira geral, reconhecem o valor de Jesus, o apreciam, têm presente o fato mais importante da sua vida, mas para eles Maria parece ter uma importância vital muito maior... Na dogmática popular a intimidade maior é com Maria”⁷. Seria uma distorção maximalista ou até mesmo idolatria? Seria uma distorção, fruto de um sincretismo indevido?

Penso que a resposta deve ser na linha de creditar ao povo uma sabedoria que escapa aos sábios (*Mt* 11,25). Sabemos como, ao longo da história da Igreja, em muitas ocasiões se mostrou a solidez da fé

⁴ BOFF, C. *Nossa Senhora e Iemanjá, Maria na cultura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1995, 7.

⁵ Cf. CODINA, V. *Credo oficial e credo popular*. A propósito da centralidade de Maria na fé popular, in *O credo dos pobres*, São Paulo: Paulinas, 1997, p. 37 e 41.

⁶ Cf. GONZALES DORADO. *A mariologia popular latino-americana*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 25.

⁷ BINGEMER M. C.; GEBARA, I. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987 p. 141.

popular, e até mesmo a capacidade de salvaguardar a ortodoxia como no caso do arianismo. O *sensus fidelium*⁸ sempre se fez presente na Igreja. Diante de uma evangelização deficiente, foi por meio de Maria que o povo se abriu à mensagem evangélica. Diante da dogmática medieval e tridentina, e da conversão imposta à força pelos colonizadores, em Maria o povo, a partir de suas raízes culturais, verá a porta de entrada para assimilar o Evangelho.

2 Maria como mãe e protetora

A concentração mariológica da fé do povo diante de um mundo violento e uma religião do medo desemboca na busca de uma mãe, uma mulher, figura doce e materna que possa abrir as portas da misericórdia que é, aliás, o núcleo do amor, mensagem central do Evangelho. Em Maria percebeu-se a força do amor. Assim Maria não será para a fé do povo somente a figura da santa Virgem Maria, “mas o ícone da encarnação ou da Igreja: a comunhão entre o divino e o humano”⁹. Do que foi dito podemos concluir que o ponto de partida para a evangelização deva ser a mariologia, uma vez que nela centra-se a fé popular. Maria foi para nosso povo e é, de fato, a estrela da evangelização, como a chamou o Papa Paulo VI¹⁰.

É tendo esta realidade como pano de fundo que podemos falar da devoção a Maria na realidade de nosso povo brasileiro sem cair no equívoco de taxar de exagerada esta devoção. Se existem reticências, mais numerosos são os frutos deste encontro de Maria com a evangelização. O nosso povo compreendeu bem ao longo da história o que os bispos afirmariam em Puebla: “Ela é o ponto de união entre o céu e a terra. Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista”¹¹.

A primeira geração da conquista das Américas foi marcada por muita violência e destruição da cultura religiosa indígena. Para os conquistadores, Maria estará sempre a seu lado contra os índios

⁸ Vaticano II – LG n. 12: “A totalidade dos fiéis, que receberam a unção que vem do espírito Santo, não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua característica através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro...”

⁹ EVDOKIMOV P. *L'Orthodoxie, Neuchâtel*. 1965, p. 149 nota 105.

¹⁰ *Evangelii Nuntiandi* n. 82

¹¹ CELAM. *A evangelização no futuro e no presente da América Latina*, n. 301.

considerados infiéis. Ela estará presente no nível do imaginário missionário e da retórica dos conquistadores¹².

A partir da segunda geração da conquista, Maria começa a ser integrada nos costumes da América espanhola e portuguesa. Ela passará a ser vista como auxílio dos aflitos, aliada dos pobres. A mariologia popular fez de Maria conquistadora, a Maria libertadora como afirma Gonzáles Dorado em sua obra já citada e que tão bem explicita esta questão da devoção a Maria vista como aliada dos conquistadores e depois como aliada dos conquistados.

O povo percebe que a maternidade virginal de Maria está indissolivelmente unida à pobreza e que seu amor se move na linha do ágape evangélico que é doação para proteger ao pobres e necessitados¹³. Neste sentido afirma o historiador Fagundes Hauck: “É de se notar que justamente nos países onde foi mais violento o genocídio provocado pelos colonizadores espanhóis e portugueses, que a devoção a Maria assumiu conotação libertadora, de aliada dos oprimidos, de mãe dos orfãos”¹⁴.

3 Um catolicismo mariano

O Brasil herdou sua devoção mariana do catolicismo português que era profundamente mariano. O marianismo português fazia parte até mesmo da alta política de Estado desde que Dom Afonso Henriques fundador da dinastia portuguesa (1139) consagrou o reino de Portugal à Mãe de Deus. Em 1640 D. João IV ratifica o ato de D. Afonso Henriques e proclama a Virgem da Conceição padroeira de Portugal e todas as suas possessões, inclusive o Brasil. A devoção a Maria era então uma prerrogativa de dinastia no reino português.

Pedro Álvares Cabral trouxe em sua nau a imagem de Nossa Senhora da Esperança. A primeira capelinha construída no Brasil em 1503 tinha o título de nossa Senhora da Glória. O primeiro governador, Tomé de Souza, cuja nau capitânea era consagrada à Nossa Senhora da Ajuda, trouxe a sua imagem. A primeira igreja construída no Brasil em 1535,

¹² CHAMORRO G. *Maria nas culturas e religiões ameríndias*. In RIBLA, n. 46 (2003) p. 92ss.

¹³ Cf. IDÍGORAS, J. L. *Maria y la Iglesia in La Iglesia Del Señor, algunos aspectos, hoy*. CELAN, 1983, p. 261-295.

¹⁴ HAUCK, J. F. *Visão histórica da devoção Mariana no Brasil*. In Teologia e devoção Mariana no Brasil, Cleto Caliman (org.), São Paulo: CNBB/Paulinas, 1989, p. 68.

em Boipeba, litoral da Bahia, foi dedicada à Nossa Senhora das Graças, segundo narra o Frei Clodovis Boff: “A sua construção está envolta pela lenda: uma belíssima senhora teria aparecido em sonho à princesa indígena, Paraguaçu, esposa do português Diogo Álvares (Caramuru), pedindo-lhe a construção de uma igreja. Ora Caramuru e Paraguaçu são considerados como sendo o primeiro casal da raça mestiça brasileira. O templo foi erguido no lugar onde está, hoje, o mosteiro de Monserrate, no qual está sepultada Paraguaçu (+1582). Ainda hoje, ali, venera-se a pequena imagem da Virgem da Graça”¹⁵.

Pode-se escrever uma história do Brasil descrevendo os diversos significados que a imagem de Nossa Senhora teve ao longo da história do Brasil. “A devoção a Maria marcava as épocas do ano e as horas do dia”¹⁶. Em todos os lugares sempre existia uma imagem de Maria, até mesmo nos navios negreiros estava presente a imagem de Nossa Senhora do Rosário, imagem ligada à ocupação da África pelos portugueses. Esta devoção difundida especialmente no Congo veio para o Brasil nos navios negreiros. Inúmeros missionários se encarregaram de difundir a devoção do rosário Brasil afora, sendo esta devoção até hoje a mais praticada no culto mariano.

São muitas as tradições de devoção a Maria dentro da grande devoção mariana no Brasil. Destacamos duas: a tradição de devoção a Nossa Senhora do Rosário e a de Nossa Senhora da Conceição, que, a partir de 1717, vai gerar a tradição da devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida. “Pode-se afirmar com séria base histórica que a tradição de Nossa Senhora Aparecida representa no Brasil a tradição latino-americana de Nossa Senhora de Guadalupe, largamente difundida no Brasil no período da união das coroas espanhola e portuguesa, entre 1580 e 1640”¹⁷. A tradição de Nossa Senhora de Guadalupe e no Brasil de Nossa Senhora Aparecida, significa a aliança de Maria com os pobres e oprimidos, ou seja, os índios e os negros escravos do Brasil, pois no Brasil Nossa Senhora Aparecida tem sua imagem morena, na cor da imensa maioria do povo.

A partir da intensa devoção a Nossa Senhora Aparecida, a figura de Maria vai se consolidando como presença materna e constante entre

¹⁵ Cf in *op. cit.* P. 13.

¹⁶ HOORNAERT E. et al., *História da Igreja no Brasil*, tomo II/1. São Paulo: Paulinas-Vozes, 1983, 347.

¹⁷ *Idem*, p. 350. cf. tb. MACHADO J. C. *Aparecida na história e na literatura*. Campinas, 1976 p 118-121.

nosso povo até ser coroada rainha do Brasil em 8 de setembro de 1904 e declarada sua padroeira em 31 de maio de 1931 em cerimônia que contou com a presença de um milhão de fiéis e a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas na capital federal que então era o Rio de Janeiro.

Podemos dizer que uma das marcas do catolicismo brasileiro é sua devoção Mariana que sempre esteve presente. Não é errado afirmar que no Brasil Jesus veio pelas mãos de Maria. E para compreendermos o papel de Maria deveremos ir através de Jesus, pois é Ele que confere sentido e grandeza a Maria, sua mãe e discípula.

Conclusão

A presença constante de Maria na cultura brasileira foi reconhecida pelo Papa João Paulo II, quando visitou o santuário de Aparecida em 1980 e declarou que “o amor e a devoção a Maria são um dos traços característicos da religiosidade do povo brasileiro”¹⁸.

Maria hoje aparece na devoção mariana que faz parte da matriz cultural tradicional do catolicismo brasileiro como uma mensagem poderosa. Esta mensagem pode ser percebida pelo *Magnificat*, o cântico de Maria (Lc 1,46- 55), carregado de esperança e recitado constantemente pelo povo em inúmeros hinos e cânticos populares. Ali ela aparece como mulher do povo, companheira e mãe libertadora diante das aflições da vida. Para nosso povo, “Maria é, ao lado do seu Filho, a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmos”.¹⁹ Na peça teatral e posteriormente transformada em filme, “O Auto da Compadecida”, de Dias Gomes, aparece nitidamente a visão de Maria na devoção popular brasileira: “Na dogmática popular, o centro é ocupado por Maria”²⁰. Existe uma necessidade de maior atenção à mariologia, o que em geral não é feito nos cursos de teologia, a mariologia como disciplina é vista como disciplina complementar e tem merecido pouca atenção. É evidente que Maria não é o centro, mas ela faz parte deste

¹⁸ Pronunciamentos do papa no Brasil, Petrópolis: Vozes, 1980, p. 129.

¹⁹ Congregação para a Doutrina da Fé, *Libertatis Conscientia*, Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação, n. 97.

²⁰ I CODINA V. Credo oficial e credo popular. A propósito da centralidade de Mari na fé popular, in O credo dos pobres, Paulinas, S. Paulo, 1997, p 37. Afirmação talvez exagerada mas que não deixa de ter sentido quando estamos nas festas marianas celebradas por nosso povo.

centro e seu papel é relevante na história da Salvação: “Sem Maria, desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista”²¹

No âmbito do catolicismo brasileiro, vai crescendo a necessidade de ver em Maria o modelo da discípula fiel, que nos convida a imitá-la. Isto significa um aprimoramento da devoção mariana em nosso meio. “Maria é a grande missionário, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários... trouxe o Evangelho à nossa América. No acontecimento de Guadalupe, presença luminosa de Maria, presidiu junto com o humilde Juan Diego, o Pentecostes que nos abriu os dons do Espírito”²².

João Damasceno afirma que “Só o nome de Theotokos, mãe de Deus, contém todo o mistério da economia”²³ de fato. Para nosso povo, assim como para o oriente cristão, o ícone de Maria, como já acenamos acima na afirmação de Paul Evdokimov, não é somente o ícone da Virgem, mas o do mistério da encarnação ou o ícone da igreja: comunhão entre o humano e o divino. E nosso povo com o *sensus fidelium* sabe muito bem intuir isto.

Os bispos da América Latina reunidos em Aparecida vão afirmar que não se pode desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la como modo secundário da vida cristã, porque seria esquecer o primado da ação do Espírito Santo e a iniciativa gratuita do amor de Deus. Esta afirmação embasa outra referente a Maria que a propósito serve muito bem para encerrar esta reflexão: “Com sua religiosidade característica se agarram no imenso amor que Deus tem por eles e que lhes recorda permanentemente a própria dignidade. Também encontram a ternura e o amor de Deus no rosto de Maria. Nela veem refletida a mensagem essencial do Evangelho”²⁴.

²¹ PUEBLA n. 301.

²² V CELAM – Doc. Aparecida n 269-270.

²³ *De fide orthodoxa* III, 12 in PG. 94,1029 C.

²⁴ V CELAM Doc. Aparecida n 266 e 265.